

Organizador
Marcelo Rondinelli

Oficina de tradução do alemão
Kurzprosa/prosa breve



FALE/UFMG
Belo Horizonte
2021

Diretora da Faculdade de Letras

Sueli Maria Coelho

Vice-Diretor

Georg Otte

Coordenadora

Emília Mendes

Comissão editorial

Elisa Amorim Vieira

Emília Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos – Mangá Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais

Lobélia Rodrigues

Diagramação

Ana Cláudia Dias Rufino

Revisão de provas

Ana Cláudia Dias Rufino

Lobélia Rodrigues

ISBN

978-65-87237-44-2 (digital)

978-65-87237-45-9 (impresso)

Endereço para correspondência

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: originais.labeled@gmail.com

site: labeled-letras-ufmg.com.br/

Sumário

- 5 **Apresentação**
- 9 **Os(as) autores(as)**

Originaltext/ Übersetzungen

Textos originais/Traduções

- 15 **Der Kübelreiter**
Franz Kafka
- 19 **O cavaleiro do balde**
Franz Kafka
Tradução: Barbara Vieira de Oliveira
- 23 **Wo ich wohne**
Ilse Aichinger
- 29 **Onde eu moro**
Ilse Aichinger
Tradução: Miguel do Vale Martins

- 33 Die zwölf Brüder**
Jacob und Wilhelm Grimm
- 37 Os doze irmãos**
Jacob e Wilhelm Grimm
Tradução: Isabel Cristina Costa
- 41 Brüderchen und Schwesterchen**
Jacob und Wilhelm Grimm
- 45 O irmãozinho e a irmãzinha**
Jacob e Wilhelm Grimm
Tradução: Marissa Daniela Vaz de Oliveira
- 49 Lettipark**
Judith Hermann
- 53 Lettipark**
Judith Hermann
Tradução: Guilherme Oliveira Mello
- 57 Relatos das(dos) participantes**
Barbara Vieira de Oliveira
Miguel do Vale Martins
Isabel Cristina Costa
Marissa Daniela Vaz de Oliveira
Guilherme Oliveira Mello
- 59 Sobre os tradutores e o organizador**

Apresentação

Marcelo Rondinelli

Foi no segundo semestre de 2019, enquanto ministrava disciplina de pós-graduação no Pós-Lit/FALE voltada a problemas teóricos em torno do fenômeno da retradução literária, que me vi mais uma vez envolvido na prática tradutória, agora na forma da desafiadora e gratificante tarefa de moderar as discussões da oficina de tradução de alemão, oferecida a nós/as estudantes de graduação, em especial àqueles/as do bacharelado com ênfase em tradução.

Para melhor começar a expor e comentar tal iniciativa, faço como Rosemary Arrojo ao abrir sua *Oficina de tradução – a teoria na prática*: ela inicia chamando a atenção para os significados do primeiro substantivo. “Oficina” define-se nos dicionários, observava a renomada teórica, como “lugar onde se trabalha ou onde se exerce algum ofício”; ‘laboratório’; ‘casa ou local onde funciona o maquinismo de uma fábrica’; ‘lugar onde se fazem consertos em veículos automóveis’; e, em sentido figurado ‘lugar onde se opera transformação notável’.¹

Pouco adiante, Arrojo detém-se sobre a noção de *workshop* (uma vez que ela própria frequentara, duas décadas antes, uma *translation workshop*), definida em dicionário americano como algo que, além do correspondente a “oficina”, refere-se também a um “curso regular sobre algum assunto especializado” – este último traduzido como *seminar* ou

¹ ARROJO, *Oficina de tradução*, 2007, p. 7.

“grupo pequeno de estudantes universitários adiantados, envolvidos num trabalho de pesquisa, sob a orientação de um professor”.

Nesse ponto, a pesquisadora e docente dos Estudos da Tradução expressa o que também eu busquei nessa experiência na FALE/UFMG: “os alunos assumem um papel essencialmente ativo, pesquisando e realizando trabalhos, e o professor passa a ser um orientador”.²

Nossos/as estudantes conhecem o termo alemão *Seminar*, que, oriundo do latim *sēminārius*, levaria ao inglês homógrafo, porém de sentido levemente diverso. O dicionário alemão *Duden* traz a acepção da atividade acadêmica, porém sem aludir a grupo pequeno; designa ainda instituto dedicado a uma especialidade dentro de uma escola superior e a reunião propriamente dita de tais estudantes, além das definições ligadas a formação de sacerdotes que conhecemos como “seminário”.³ A muitos/as podem não ocorrer de imediato que o étimo latino faz referência a sementes.

Werkstatt, a palavra alemã que designa oficina, local de realização de um ofício, ou o de consertos, é igualmente bem conhecida de nossos/as estudantes de alemão desde os primeiros semestres. Quem estuda a língua notará, num primeiro momento, que o belo, metafórico sentido de local de “transformação notável” não figura no *Duden*. Numa consulta ao monumental dicionário dos Grimm, encontraremos tal sentido, atestado, entre outros, em ninguém menos que Lutero, com uma passagem em que a figura cristã de Maria afirma “sou a oficina onde atua vosso Deus”.⁴

O propósito de nossa oficina, conforme ressaltado desde os primeiros encontros, não era mergulhar em discussões teóricas, ainda que elas estivessem – e estejam sempre – subjacentes, mas experimentar a prática, num exercício exigente de leitura, sobretudo para estudantes com nível intermediário de domínio do idioma estrangeiro, interpretar, comparar tentativas no grupo. Para esse cotejo, iniciei a disciplina lembrando-me de minha experiência à frente de oficinas de tradução no Instituto Goethe/São Paulo há pouco mais de uma década, em que ouvia com frequência a pergunta: “Mas como fica, então, professor?”. Tanto lá como cá, precisei

² ARROJO, *Oficina de tradução*, 2007, p. 9.

³ DUDEN, *Universalwörterbuch*, 2001, p. 1440.

⁴ Disponível na página <https://woerterbuchnetz.de/?sigle=DWB#0>.

sempre afirmar que cada texto é autoral/autônomo, podendo haver diferentes soluções para um mesmo problema, o que dá mais vida a uma tradução pode eventualmente ferir de morte uma outra. Ainda que não a estudássemos diretamente, ali estava, vivenciada, a concepção de Jiří Levý⁵ da “tradução como processo permanente de tomada de decisões”.

Desde sempre, foi importante ainda destacar a importância do cuidado não só com o entendimento do idioma de partida, mas também e fundamentalmente com a redação do texto de chegada. No trabalho da oficina, são acionados, afinal, os conhecimentos recém-adquiridos pelos/as estudantes na língua estrangeira (e, com frequência, na abordagem linguístico-contrastiva), em estudos literários, na literatura germanófono, bem como no próprio vernáculo.

Além disso, estabelecemos um compromisso de só consultar eventuais traduções já existentes das obras em questão ao final de cada tentativa própria. Não raro, alguém dava um sorriso amarelo, que o professor verbalizava numa frase como “sua solução ficou mais inventiva que a do/a tradutor/a publicado/a”.

O grupo ocupou-se de quase duas dezenas de textos breves, dos quais se apresenta aqui apenas uma amostra, discreta porém representativa de relevante variedade: contempla autores/as de diferentes épocas, estilos, formas, provenientes de países germanófonos. Dois *Märchen* [contos maravilhosos] dos célebres irmãos Grimm, os filólogos alemães Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859); uma parábola do tcheco Franz Kafka (1883-1924); uma *Kurzgeschichte* [correspondente alemã do gênero *short story*] da austríaca Ilse Aichinger (1921-2016) e um conto da alemã contemporânea Judith Hermann (1970-).

Agradeço e dou os parabéns uma última vez aos/às estudantes participantes pelo empenho. Cumpriram um seminário, trabalhando sobre as sementes que procurei oferecer. Meus agradecimentos também à colega Sônia Queiroz pelo constante apoio e gentil interlocução sobre iniciativas envolvendo tradução e edição, à equipe do LABED e todos/as aqueles/as que nos incentivaram neste modesto e ao mesmo tempo importante projeto.

⁵ LEVÝ, *Übersetzung als Entscheidungsprozess* (1967), 1981, p. 219-235.

Referências

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução – a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 2007.

DUDEN, Universalwörterbuch. Leipzig/Mannheim/Wien/Zürich: Dudenverlag, 2001.

LEVÝ, Jiří. Übersetzung als Entscheidungsprozess (1967). In: WILLS, Wolfram (hrsg.). *Übersetzungswissenschaft*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1981. p. 219-235.

Os(as) autores(as)

Franz Kafka (1883-1924) nasceu em Praga, no então Império Austro-Húngaro, hoje capital da República Tcheca. Filho mais velho de um bem-sucedido comerciante judeu, pertencia à minoria da população de língua alemã naquele país, embora toda a família também dominasse o tcheco. Formou-se em Direito em 1906 e trabalharia nos anos seguintes em companhias de seguro. A figura severa e dominadora do pai marcaria sua vida, a qual ele passou a dividir entre o trabalho burocrático durante o dia e a obstinada criação literária à noite. A relação conturbada com o pai é amplamente identificada no trecho de *Das Urteil* [*O Veredito*], de 1913, narrativa dedicada a Felice Bauer, uma das mulheres por quem o escritor se apaixonou e com quem chegaria ao noivado em duas oportunidades. Parte substancial da obra de Kafka, fundamental para a história da literatura ocidental do século XX, poderia ter se perdido logo após a morte do escritor, em decorrência de uma tuberculose que se manifestara já em 1917: Kafka pediu ao ex-colega de universidade e melhor amigo, Max Brod, que incinerasse os originais de suas obras inéditas e os previstos para reedições, no que não foi atendido. Franz Kafka tem, entre suas criações mais célebres, a novela *Die Verwandlung* [*A Metamorfose*], de 1912 (publicada em 1915), e o romance *Der Prozess* [*O Processo*], bem como numerosas narrativas breves. Sua obra começou a ser publicada no Brasil a partir dos anos 1950, de início em traduções indiretas, via inglês ou francês. A consagração das traduções diretas do alemão viria principalmente com Modesto Carone (1937-2019), ele também ficcionista e

professor universitário, não só pela reconhecida qualidade, mas também pela quantidade de obras de Kafka que veio a verter.

Ilse Aichinger (1921-2016) foi uma escritora austríaca e expoente da literatura pós-guerra de expressão alemã. Com a mãe judia e a irmã gêmea Helga, enfrentou o contexto das perseguições após a anexação da Áustria pelo Reich. Apenas Helga conseguiu fugir para a Grã-Bretanha pouco antes da eclosão da Grande Guerra. Em 1945, Ilse iniciou curso superior de Medicina, que no entanto não viria a concluir. Dedicou-se então à carreira literária. Fez parte do influente Gruppe 47, que, formado imediatamente no pós-guerra, por duas décadas reuniria destacados autores e autoras de língua alemã, como Günter Grass e Ingeborg Bachmann, interessados na revitalização da literatura de seu tempo. Em 1948 Aichinger publicava um romance com traços autobiográficos, *Die größere Hoffnung* [A esperança maior, sem tradução para o português]. Aichinger escreveu muita prosa breve, mas também poesia – entre outros, o volume *Verschenkter Rat* [algo como “conselho de graça”, sem tradução publicada o português], em 1978 – e radiodramaturgia. Neste gênero, destacou-se com *Knöpfe* [Botões, inédito em português], de 1953, que teve quatro diferentes produções radiofônicas até 1989. O conto “*Wo ich wohne*” [“Onde eu moro”], aqui traduzido, integra a antologia homônima de prosa editada em 1963 e, numa narrativa com elementos do fantástico, tematiza o conformismo e a passividade na geração imediata à guerra. Aichinger teve até o momento, no Brasil, apenas escassas traduções de seus poemas e contos.

Os irmãos Grimm, Jacob (1785-1863) **e Wilhelm** (1786-1859), foram filólogos alemães, pais fundadores da chamada Germanística. Ao longo da vida, tiveram diferentes ocupações, garantindo o próprio sustento como bibliotecários, jornalistas, diplomatas e, mais tarde, professores. Tornaram-se mundialmente conhecidos pelos contos infantis reunidos em duas coletâneas, em 1812 e 1815, da tradição oral de sua região, Hesse. Entre os contos que reivindicavam como de tradição popular alemã, os irmãos Grimm incluíram, porém, histórias registradas também em outras partes da Europa, como as do francês Charles Perrault, publicados ainda

no século XVII. Jacob e Wilhelm Grimm foram, assim, decisivos para a consagração do *Märchen*: o chamado "conto maravilhoso" na literatura mundial. Além das coletâneas fundamentais de contos, trabalharam ao longo de décadas na edição do mais monumental dicionário de língua alemã, que só seria concluído em 1961, fruto do trabalho de seguidas gerações de filólogos e linguistas, 123 anos após iniciado, e atingindo um total de 33 volumes. Hoje, o chamado *DWB – Deutsches Wörterbuch von Jacob und Wilhelm Grimm* – está disponível on-line, graças à digitalização realizada por uma equipe da Universidade de Trier. Entre as inúmeras traduções brasileiras dos contos maravilhosos dos Grimm, convém destacar as realizadas por Monteiro Lobato – em seu caso, a rigor, adaptações –, e as de Tatiana Belinky, ela própria fundamental autora de literatura infanto-juvenil em nosso país.

Judith Hermann (1970) é uma escritora berlinense em geral associada à chamada Nova Literatura Pop Alemã. Estudou Jornalismo na Freie Universität Berlin, estagiou e trabalhou na segunda metade dos anos 1990 como voluntária de uma revista alemã em Nova York. De volta à Alemanha, publicou em 1998 o volume de contos *Sommerhaus, später* [*Casa de verão, mais tarde*, na tradução brasileira de Marcelo Backes] com que logo alcançaria sucesso de público e crítica e diferentes prêmios alemães. Além desse e de *Lettipark* (2016), que inclui o conto homônimo aqui traduzido, tem publicado vários outros trabalhos em que explora a forma da *Kurzgeschichte*, narrativa breve alemã que Hermann elege como seu gênero preferido, embora também venha lançando romances, como *Aller Liebe Anfang* [*O começo de todo amor*, sem tradução para o português], em 2014, e *Daheim* [*Em casa*], em 2021. Apenas poucos de seus contos foram traduzidos no Brasil, em antologias ou revistas.

Breve indicação de traduções brasileiras disponíveis dos/as autores/as deste volume:

AICHINGER, Ilse. Antecipado. [Título original do poema: "Verfrüht"]. Tradução de Moacyr Félix e Birgitta Lagerblad. *Poesia Sempre*, Ano 2, n. 4, ago 1994. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.

AICHINGER, Ilse. A ordem violada. Tradução de Betty Margarida Kunz. In: LANGENBUCHER, Wolfgang R. (org.). *Antologia do moderno conto alemão*. Tradução de Iris Strohschoen e B. M. Kunz. Porto Alegre: Editora Globo/Horst Erdmann Verlag, 1969.

GRIMM, Jacob e Wilhelm. *Contos maravilhosos infantis e domésticos*. Tradução de Christine Röhrig. São Paulo: Editora 34, 2018.

GRIMM, Jacob e Wilhelm. *Contos de Grimm*. Tradução e adaptação de Monteiro Lobato. São Paulo: Brasiliense, 1962.

HERMANN, Judith. Corais vermelhos. Tradução de Sylvia Erse e Fernanda Boechat. *Ficções*. Revista de Contos, Rio de Janeiro, v. 14, n. 7, p. 36-47, 2005.

HERMANN, Judith. Casa de verão, mais tarde. Tradução de Marcelo Backes. In: BACKES, Marcelo (org. e tradução). *Escombros e caprichos: o melhor do conto alemão do século 20*. Porto Alegre: L&PM, 2004. p. 340-348.

KAFKA, Franz. *A Metamorfose*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KAFKA, Franz. *Essencial Kafka*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Há numerosas traduções de obras de Kafka, as quais não serão detalhadas aqui. Somente de *Die Verwandlung*, em geral traduzida como *A metamorfose*, já se contam editadas seis versões brasileiras.

Originaltexte/Übersetzungen
Textos originais/Traduções

Der Kübelreiter

Franz Kafka

Verbraucht alle Kohle; leer der Kübel; sinnlos die Schaufel; Kälte atmend der Ofen; das Zimmer vollgeblasen von Frost; vor dem Fenster Bäume starr im Reif; der Himmel, ein silberner Schild gegen den, der von ihm Hilfe will. Ich muß Kohle haben; ich darf doch nicht erfrieren; hinter mir der erbarmungslose Ofen, vor mir der Himmel ebenso, infolgedessen muß ich scharf zwischendurch reiten und in der Mitte beim Kohlenhändler Hilfe suchen. Gegen meine gewöhnlichen Bitten aber ist er schon abgestumpft; ich muß ihm ganz genau nachweisen, daß ich kein einziges Kohlenstäubchen mehr habe und daß er daher für mich geradezu die Sonne am Firmament bedeutet. Ich muß kommen wie der Bettler, der röchelnd vor Hunger an der Türschwelle verenden will und dem deshalb die Herrschaftsköchin den Bodensatz des letzten Kaffees einzuflößen sich entscheidet; ebenso muß mir der Händler, wütend, aber unter dem Strahl des Gebotes «Du sollst nicht töten!» eine Schaufel voll in den Kübel schleudern.

Meine Auffahrt schon muß es entscheiden; ich reite deshalb auf dem Kübel hin. Als Kübelreiter, die Hand oben am Griff, dem einfachsten Zaumzeug, drehe ich mich beschwerlich die Treppe hinab; unten aber steigt mein Kübel auf, prächtig, prächtig; Kamele, niedrig am Boden hingelagert, steigen, sich schüttelnd unter dem Stock des Führers, nicht schöner auf. Durch die festgefrorene Gasse geht es in ebenmäßigem Trab; oft werde ich bis zur Höhe der ersten Stockwerke gehoben; niemals sinke ich bis zur Haustüre hinab. Und außergewöhnlich hoch schwebte

ich vor dem Kellergewölbe des Händlers, in dem er tief unten an seinem Tischchen kauert und schreibt; um die übergroße Hitze abzulassen, hat er die Tür geöffnet.

«Kohlenhändler!» rufe ich mit vor Kälte hohlgebrannter Stimme, in Rauchwolken des Atems gehüllt, «bitte, Kohlenhändler, gib mir ein wenig Kohle. Mein Kübel ist schon so leer, daß ich auf ihm reiten kann. Sei so gut. Sobald ich kann, bezahle ich>s.»

Der Händler legt die Hand ans Ohr. «Hör ich recht?» fragte er über die Schulter weg seine Frau, die auf der Ofenbank strickt, «hör ich recht? Eine Kundschaft.»

«Ich höre gar nichts», sagt die Frau, ruhig aus- und einatmend über den Stricknadeln, wohligh im Rücken gewärmt.

«O ja», rufe ich, «ich bin es; eine alte Kundschaft; treu ergeben; nur augenblicklich mittellos.»

«Frau», sagt der Händler, «es ist, es ist jemand; so sehr kann ich mich doch nicht täuschen; eine alte, eine sehr alte Kundschaft muß es sein, die mir so zum Herzen zu sprechen weiß.»

«Was hast du, Mann?» sagte die Frau und drückt, einen Augenblick ausruhend, die Handarbeit an die Brust, «niemand ist es, die Gasse ist leer, alle unsere Kundschaft ist versorgt; wir können für Tage das Geschäft sperren und ausruhn.»

«Aber ich sitze doch hier auf dem Kübel», rufe ich und gefühllose Tränen der Kälte verschleiern mir die Augen, «bitte seht doch herauf; Ihr werdet mich gleich entdecken; um eine Schaufel voll bitte ich; und gebt Ihr zwei, macht Ihr mich übergücklich. Es ist doch schon alle übrige Kundschaft versorgt. Ach, hörte ich es doch schon in dem Kübel klappern!»

«Ich komme» sagt der Händler und kurzbeinig will er die Kellertreppe emporsteigen, aber die Frau ist schon bei ihm, hält ihn beim Arm fest und sagt: «Du bleibst. Läßt du von deinem Eigensinn nicht ab, so gehe ich hinauf. Erwinnere dich an deinen schweren Husten heute nacht. Aber für ein Geschäft und sei es auch nur ein eingebildetes, vergißt du Frau und Kind und opferst deine Lungen. Ich gehe.»

«Dann nenn ihm aber alle Sorten, die wir auf Lager haben; die Preise rufe ich dir nach.»

«Gut», sagt die Frau und steigt zur Gasse auf. Natürlich sieht sie mich gleich. «Frau Kohlenhändlerin», rufe ich, «ergebenen Gruß; nur eine Schaufel Kohle; gleich hier in den Kübel; ich führe sie selbst nach Hause; eine Schaufel von der schlechtesten. Ich bezahle sie natürlich voll, aber nicht gleich, nicht gleich.» Was für ein Glockenklang sind die zwei Worte «nicht gleich» und wie sinnverwirrend mischen sie sich mit dem Abendläuten, das eben vom nahen Kirchturm zu hören ist!

«Was will er also haben?» ruft der Händler. «Nichts», ruft die Frau zurück, «es ist ja nichts; ich sehe nichts, ich höre nichts; nur sechs Uhr läutet es und wir schließen. Ungeheuer ist die Kälte; morgen werden wir wahrscheinlich noch viel Arbeit haben.»

Sie sieht nichts und hört nichts; aber dennoch löst sie das Schürzenband und versucht mich mit der Schürze fortzuwehen. Leider gelingt es. Alle Vorzüge eines guten Reittieres hat mein Kübel; Widerstandskraft hat er nicht; zu leicht ist er; eine Frauenschürze jagt ihm die Beine vom Boden.

«Du Böse», rufe ich noch zurück, während sie, zum Geschäft sich wendend, halb verächtlich, halb befriedigt mit der Hand in die Luft schlägt, «du Böse! Um eine Schaufel von der schlechtesten habe ich gebeten und du hast sie mir nicht gegeben.» Und damit steige ich in die Regionen der Eisgebirge und verliere mich auf Nimmerwiedersehen.

KAFKA, Franz. *Erzählungen*. München/Stuttgart: Reclam, 2017. p. 215-217.

O cavaleiro do balde

Franz Kafka

Tradução: Barbara Vieira de Oliveira

Consumido todo o carvão; vazio o balde; inútil a pá; o aquecedor respira frio; um sopro gelado percorre o quarto; em frente à janela, árvores enrijecidas pela geada; o céu, um escudo de prata contra aqueles que clamam pelo seu auxílio. Preciso de carvão; é certo que não devo congelar até a morte; Atrás de mim, o aquecedor impiedoso, à minha frente também o céu é implacável, por isso terei que cavalgar rápido entre eles e ir pedir ajuda ao vendedor de carvão. Meus pedidos costumeiros já o deixaram insensível; tenho que provar a ele com extrema precisão que já não tenho mais um só grãozinho de carvão e que, para mim, ele realmente significa o sol no firmamento. Devo chegar como o mendigo que agoniza de fome na soleira da porta e a quem, então, a cozinheira decide oferecer a borra de seu último café; da mesma forma o vendedor zangado, mas sob a luz do mandamento "Não matarás!", tem que virar uma pá cheia de carvão dentro do meu balde.

Minha entrada deve decidir isso; portanto, vou cavalgando no balde. Como um cavaleiro do balde, minha mão na alça, rédea das mais simples, laboriosamente desço a escada; mais abaixo meu balde empina, esplêndido, esplêndido; nem os camelos agachados se erguem de forma tão bela, agitando-se sob o cajado do guia. Vai pelo beco congelado em trote constante; muitas vezes sou elevado ao nível dos primeiros andares; nunca arriamos ao nível da porta da frente. E eu fico pairando extraordinariamente alto em frente à abóbada do porão do vendedor, onde ele

escreve, agachado diante de sua mesinha; para liberar o calor excessivo, ele abriu a porta.

“Carvoeiro!” grito com a voz oca de frio, envolta em nuvens de fumaça da minha respiração: “Por favor, carvoeiro, me dê um pouco de carvão. Meu balde está tão vazio que posso cavalgá-lo. Tenha bondade. Assim que puder eu lhe pago.”

O vendedor leva a mão ao ouvido.

“Estou ouvindo direito?”, pergunta ele por cima do ombro à esposa, que está tricotando no banco do aquecedor, “estou ouvindo direito? Um freguês.”

“Não estou ouvindo absolutamente nada”, diz a mulher, inspirando e expirando calmamente sobre as agulhas de tricô, aquecendo as costas.

“Ah, está ouvindo, sim”, exclamo, “sou eu; um antigo freguês; devoto e fiel; apenas momentaneamente sem um tostão.”

“Mulher”, diz o vendedor, “é, sim, é alguém; Eu não posso estar tão enganado; deve ser um freguês muito antigo, que sabe apelar ao meu coração.”

“O que você tem, homem?” diz a mulher e, descansando um pouco, aperta o tricô contra o peito: “Não é ninguém, a rua está vazia, todos os nossos fregueses já foram atendidos; podemos fechar a loja por dias e descansar.”

“Mas estou aqui em cima, montado no balde”, grito, e as lágrimas entorpecidas pelo frio ocultam meus olhos, “por favor, olhem para cima; vocês logo me descobrirão; estou pedindo uma pá de carvão; e, se me derem duas, me farão imensamente feliz. Todos os outros fregueses já foram atendidos, claro. Ah, tudo o que eu queria era poder ouvir o carvão caindo no balde!”

“Já vou”, diz o vendedor, e quer subir a escada do porão com suas pernas curtas, mas a mulher já está com ele, segura seu braço e diz: “Vai nada. Se não deixar de teimosia, subo eu. Lembre-se da sua tosse forte noite passada. Mas por uma venda, mesmo que imaginária, você esquece esposa e filho e sacrifica seus pulmões. Vou eu.”

“Então diga a ele todas as variedades que temos no estoque; vou falando os preços para você em seguida.”

“Ótimo”, diz a mulher, e caminha até o beco.

Claro que ela me vê imediatamente.

“Sra. carvoeira”, clamo eu, “minhas mais respeitosas saudações; apenas uma pá de carvão; bem aqui no balde; eu mesmo o levarei para casa; uma pá do pior carvão. É claro que vou pagar integralmente, mas não agora, não agora.”

Que som de sino têm essas duas palavras “não agora” e como elas se misturam às badaladas noturnas que acabam de se ouvir na torre da igreja próxima!

“Então, o que ele quer?”, grita o vendedor de carvão.

“Nada”, responde a mulher, “não é nada; não estou vendo nada, não estou ouvindo nada; apenas as badaladas do sino das seis, hora de fecharmos a loja. O frio está terrível; amanhã provavelmente teremos muito trabalho.”

Ela não vê e não ouve nada; mas mesmo assim afrouxa o cordão do avental e tenta me afugentar com ele. Infelizmente funciona. Meu balde tem todas as vantagens de uma boa montaria; menos resistência; ele é muito leve; o avental de uma mulher tira suas pernas do chão.

“Maldita!”, grito de volta, enquanto ela, virando-se para a loja, balança a mão no ar, meio desdenhosa, meio satisfeita, “Você é uma maldita! Pedi o seu pior carvão e você me negou.”

E com isso subo rumo às montanhas de gelo e me perco para nunca mais ser visto.

Wo ich wohne

Ilse Aichinger

Ich wohne seit gestern einen Stock tiefer. Ich will es nicht laut sagen, aber ich wohne tiefer. Ich will es deshalb nicht laut sagen, weil ich nicht übersiedelt bin. Ich kam gestern abend aus dem Konzert nach Hause, wie gewöhnlich samstagsabends, und ging die Treppe hinauf, nachdem ich vorher das Tor aufgesperrt und auf den Lichtknopf gedrückt hatte. Ich ging ahnungslos die Treppe hinauf — der Lift ist seit dem Krieg nicht in Betrieb —, und als ich im dritten Stock angelangt war, dachte ich: >Ich wollte, ich wäre schon hier !< und lehnte mich für einen Augenblick an die Wand neben der Lifttür. Gewöhnlich überfällt mich im dritten Stock eine Art von Erschöpfung, die manchmal so weit führt, daß ich denke, ich müßte schon vier Treppen gegangen sein. Aber das dachte ich diesmal nicht, ich wußte, daß ich noch ein Stockwerk über mir hatte. Ich öffnete deshalb die Augen wieder, um die letzte Treppe hinaufzugehen, und sah in demselben Augenblick mein Namensschild an der Tür links vom Lift. Hatte ich mich doch geirrt und war schon vier Treppen gegangen? Ich wollte auf die Tafel schauen, die das Stockwerk bezeichnete, aber gerade da ging das Licht aus.

Da der Lichtknopf auf der anderen Seite des Flurs ist, ging ich die zwei Schritte bis zu meiner Tür im Dunkeln und sperrte auf. Bis zu meiner Tür? Aber welche Tür sollte es denn sein, wenn mein Name daran stand? Ich mußte eben doch schon vier Treppen gegangen sein.

Die Tür öffnete sich auch gleich ohne Widerstand, ich fand den Schalter und stand in dem erleuchteten Vorzimmer, in meinem Vorzimmer,

und alles war wie sonst: die roten Tapeten, die ich längst hatte wechseln wollen, und die Bank, die daran gerückt war, und links der Gang zur Küche. Alles war wie sonst. In der Küche lag das Brot, das ich zum Abendessen nicht mehr gegessen hatte, noch in der Brotdose.

Es war alles unverändert. Ich schnitt ein Stück Brot ab und begann zu essen, erinnerte mich aber plötzlich, daß ich die Tür zum Flur nicht geschlossen hatte, als ich hereingekommen war, und ging ins Vorzimmer zurück, um sie zu schließen.

Dabei sah ich in dem Licht, das aus dem Vorzimmer auf den Flur fiel, die Tafel, die das Stockwerk bezeichnete. Dort stand: Dritter Stock. Ich lief hinaus, drückte auf den Lichtknopf und las es noch einmal. Dann las ich die Namensschilder auf den übrigen Türen. Es waren die Namen der Leute, die bisher unter mir gewohnt hatten. Ich wollte dann die Stiegen hinaufgehen, um mich zu überzeugen, wer nun neben den Leuten wohnte, die bisher neben mir gewohnt hatten, ob nun wirklich der Arzt, der bisher unter mir gewohnt hatte, über mir wohnte, fühlte mich aber plötzlich so schwach, daß ich zu Bett gehen mußte.

Seither liege ich wach und denke darüber nach, was morgen werden soll. Von Zeit zu Zeit bin ich immer noch verlockt, aufzustehen und hinaufzugehen und mir Gewißheit zu verschaffen. Aber ich fühle mich zu schwach, und es könnte auch sein, daß von dem Licht im Flur da oben einer erwachte und herauskäme und mich fragte: »Was suchen Sie hier?« Und diese Frage, von einem meiner bisherigen Nachbarn gestellt, fürchte ich so sehr, daß ich lieber liegen bleibe, obwohl ich weiß, daß es bei Tageslicht noch schwerer sein wird, hinaufzugehen.

Nebenan höre ich die Atemzüge des Studenten, der bei mir wohnt; er ist Schiffsbaustudent, und er atmet tief und gleichmäßig. Er hat keine Ahnung von dem, was geschehen ist. Er hat keine Ahnung, und ich liege hier wach. Ich frage mich, ob ich ihn morgen fragen werde. Er geht wenig aus, und wahrscheinlich ist er zu Hause gewesen, während ich im Konzert war. Er müßte es wissen. Vielleicht frage ich auch die Aufräumerfrau.

Nein. Ich werde es nicht tun. Wie sollte ich denn jemanden fragen, der mich nicht fragt? Wie sollte ich auf ihn zugehen und ihm sagen: »Wissen Sie vielleicht, ob ich nicht gestern noch eine Treppe höher wohnte?« Und was soll er darauf sagen? Meine Hoffnung bleibt, daß mich

jemand fragen wird, daß mich morgen jemand fragen wird: »Verzeihen Sie, aber wohnten Sie nicht gestern noch einen Stock höher?« Aber wie ich meine Aufräumerfrau kenne, wird sie nicht fragen. Oder einer meiner früheren Nachbarn: »Wohnten Sie nicht gestern noch neben uns?« Oder einer meiner neuen Nachbarn. Aber wie ich sie kenne, werden sie alle nicht fragen. Und dann bleibt mir nichts übrig, als so zu tun, als hätte ich mein Leben lang schon einen Stock tiefer gewohnt.

Ich frage mich, was geschehen wäre, wenn ich das Konzert gelassen hätte. Aber diese Frage ist von heute an ebenso müßig geworden wie alle anderen Fragen. Ich will einzuschlafen versuchen.

Ich wohne jetzt im Keller. Es hat den Vorteil, daß meine Aufräumerfrau sich nicht mehr um die Kohlen hinunterbemühen muß, wir haben sie nebenan, und sie scheint ganz zufrieden damit. Ich habe sie im Verdacht, daß sie deshalb nicht fragt, weil es ihr so angenehmer ist. Mit dem Aufräumen hat sie es niemals allzu genau genommen; hier erst recht nicht. Es wäre lächerlich, von ihr zu verlangen, daß sie den Kohlenstaub stündlich von den Möbeln fegt. Sie ist zufrieden, ich sehe es ihr an. Und der Student läuft täglich pfeifend die Kellertreppe hinauf und kommt abends wieder. Nachts höre ich ihn tief und regelmäßig atmen. Ich wollte, er brächte eines Tages ein Mädchen mit, dem es auffällig erschiene, daß er im Keller wohnt, aber er bringt kein Mädchen mit. Und auch sonst fragt niemand. Die Kohlenmänner, die ihre Lasten mit lautem Gepolter links und rechts in den Kellern abladen, ziehen die Mützen und grüßen, wenn ich ihnen auf der Treppe begegne. Oft nehmen sie die Säcke ab und bleiben stehen, bis ich an ihnen vorbei bin. Auch der Hausbesorger grüßt freundlich, wenn er mich sieht, ehe ich zum Tor hinausgehe. Ich dachte zuerst einen Augenblick lang, daß er freundlicher grüße als bisher, aber es war eine Einbildung. Es erscheint einem manches freundlicher, wenn man aus dem Keller steigt.

Auf der Straße bleibe ich stehen und reinige meinen Mantel vom Kohlenstaub, aber es bleibt nur wenig daran haften. Es ist auch mein Wintermantel, und er ist dunkel. In der Straßenbahn überrascht es mich, daß der Schaffner mich behandelt wie die übrigen Fahrgäste und niemand von mir abrückt. Ich frage mich, wie es sein soll, wenn ich im Kanal wohnen werde. Denn ich mache mich langsam mit diesem Gedanken vertraut.

Seit ich im Keller wohne, gehe ich auch an manchen Abenden wieder ins Konzert. Meist samstags, aber auch öfter unter der Woche. Ich konnte es schließlich auch dadurch, daß ich nicht ging, nicht hindern, daß ich eines Tages im Keller war. Ich wundere mich jetzt manchmal über meine Selbstvorwürfe, über all die Dinge, mit denen ich diesen Abstieg zu Beginn in Beziehung brachte. Zu Beginn dachte ich immer: >Wäre ich nur nicht ins Konzert gegangen oder hinüber auf ein Glas Wein!< Das denke ich jetzt nicht mehr. Seit ich im Keller bin, bin ich ganz beruhigt und gehe um Wein, sobald ich danach Lust habe. Es wäre sinnlos, die Dämpfe im Kanal zu fürchten, denn dann müßte ich ja ebenso das Feuer im Innern der Erde zu fürchten beginnen — es gibt zu vieles, wovor ich Furcht haben müßte. Und selbst wenn ich immer zu Hause bliebe und keinen Schritt mehr auf die Gasse täte, würde ich eines Tages im Kanal sein.

Ich frage mich nur, was meine Aufräumerfrau dazu sagen wird. Es würde sie jedenfalls auch des Lüftens entheben. Und der Student stiege pfeifend durch die Kanalluken hinauf und wieder hinunter. Ich frage mich auch, wie es dann mit dem Konzert sein soll und mit dem Glas Wein. Und wenn es dem Studenten gerade dann einfiel, ein Mädchen mitzubringen? Ich frage mich, ob meine Zimmer auch im Kanal noch dieselben sein werden. Bisher sind sie es, aber im Kanal hört das Haus auf. Und ich kann mir nicht denken, daß die Einteilung in Zimmer und Küche und Salon und Zimmer des Studenten bis ins Erdinnere geht.

Aber bisher ist alles unverändert. Die rote Wandbespannung und die Truhe davor, der Gang zur Küche, jedes Bild an der Wand, die alten Klubsessel und die Bücherregale — jedes Buch darinnen. Draußen die Brotdose und die Vorhänge an den Fenstern.

Die Fenster allerdings, die Fenster sind verändert. Aber um diese Zeit hielt ich mich meistens in der Küche auf, und das Küchenfenster ging seit jeher auf den Flur. Es war immer vergittert. Ich habe keinen Grund, deshalb zum Hausbesorger zu gehen, und noch weniger wegen des veränderten Blicks. Er könnte mir mit Recht sagen, daß ein Blick nicht zur Wohnung gehöre, die Miete beziehe sich auf die Größe, aber nicht auf den Blick. Er könnte mir sagen, daß mein Blick meine Sache sei.

Und ich gehe auch nicht zu ihm, ich bin froh, solange er freundlich ist. Das einzige, was ich einwenden könnte, wäre vielleicht, daß

die Fenster um die Hälfte kleiner sind. Aber da könnte er mir wiederum entgegen, daß es im Keller nicht anders möglich sei. Und darauf wüßte ich keine Antwort. Ich könnte ja nicht sagen, daß ich es nicht gewohnt bin, weil ich noch vor kurzem im vierten Stock gewohnt habe. Da hätte ich mich schon im dritten Stock beschweren müssen. Jetzt ist es zu spät.

AICHINGER, Ilse. *Spiegelgeschichte*. Erzählungen und Dialoge. Leipzig/Weimar: Kiepenheuer, 1979. p. 77-81.

Onde eu moro

Ilse Aichinger

Tradução: Miguel do Vale Martins

Eu moro, desde ontem, um andar abaixo. Não quero dizer isso em voz alta, mas moro um andar abaixo. Não quero dizer isso em voz alta porque não me mudei. Voltei ontem à noite do concerto para casa, como faço costumeiramente nas noites de sábado, e subi as escadas, depois de ter aberto a porta com a chave e acendido a luz. Subi as escadas – o elevador não funciona desde a guerra – sem suspeitar de nada e, quando cheguei ao terceiro andar, pensei: “Queria já ter chegado!” e recostei-me por um momento à parede perto da porta do elevador. Normalmente, sou acometida no terceiro andar por um tipo de cansaço que às vezes chega a tal ponto que penso já ter subido os quatro andares. Mas dessa vez não pensei isso, eu sabia que ainda havia um andar acima de mim. Por isso, abri os olhos de novo para subir o último lance e vi, no mesmo instante, a plaquinha com meu nome na porta à esquerda do elevador. Será que estava enganada e já havia subido os quatro andares? Eu queria olhar a placa que indicava o andar, mas, justamente nesse momento, a luz se apagou. Como o interruptor fica do outro lado do corredor, dei dois passos até a minha porta no escuro e a abri. Até a minha porta? Mas que outra porta haveria de ser, se meu nome estava ali? Ora, eu devia ter subido os quatro andares mesmo.

A porta abriu-se imediatamente, sem resistência. Encontrei o interruptor e me vi na antessala iluminada, na minha antessala, e tudo estava como de costume: o papel de parede vermelho que há muito tempo eu queria trocar, o banco que eu havia movido para lá e, à esquerda, o

corredor que leva à cozinha. Tudo estava como de costume. Na cozinha estava o pão que eu havia deixado sobrar no jantar, ainda na vasilha.

Tudo continuava inalterado. Cortei um pedaço de pão e comecei a comer, mas lembrei-me de repente que eu não havia fechado a porta de casa quando entrei, e voltei à antessala para fechá-la.

Então vi, à luz que saía da antessala para o corredor, a placa que indicava o andar. Lá estava: terceiro andar. Corri para fora, acendi a luz e li mais uma vez. Em seguida, li os nomes nas placas das outras portas. Eram os nomes das pessoas que até então haviam morado abaixo de mim. Quis, então, subir as escadas para verificar quem agora morava ao lado das pessoas que até então moravam ao meu lado, e se de fato o médico que até então morava abaixo de mim agora morava acima de mim; porém senti-me tão fraca de repente que precisei ir para a cama. Desde então, tenho estado acordada e pensando no que acontecerá amanhã. Volta e meia ainda me sinto tentada a me levantar para subir e me certificar. Mas me sinto muito fraca; e pode também acontecer que, por causa da luz acesa no corredor lá em cima, alguém acorde, venha para fora e me pergunte: "O que você quer aqui?" E eu temo tanto que algum dos meus antigos vizinhos me faça essa pergunta que prefiro permanecer deitada, apesar de saber que à luz do dia será ainda mais difícil subir.

No quarto ao lado, ouço a respiração do estudante que mora comigo; ele é estudante de engenharia naval e respira profunda e compassadamente. Não faz ideia do que aconteceu. Ele não faz ideia, e eu aqui acordada. Será que pergunto algo amanhã? Ele sai pouco, e provavelmente estava em casa enquanto eu estava no concerto. Ele deve saber. Talvez eu pergunte também à empregada.

Não. Não farei isso. Como é que vou perguntar a alguém que não me faz nenhuma pergunta? Como é que vou até a pessoa dizer: "Você sabe, por acaso, se ainda ontem eu não morava um andar acima?" E o que ela diria sobre isso? Mantenho a esperança de que alguém vai me perguntar, de que amanhã alguém vai me perguntar: "Desculpe-me, mas ainda ontem a senhora não morava um andar acima?" Mas, conhecendo minha empregada, sei que ela não vai perguntar. Ou um de meus antigos vizinhos: "Você não morava do nosso lado ontem?" Ou um de meus novos vizinhos. Mas, conhecendo meus vizinhos, sei que nenhum

deles vai perguntar. E então não me resta alternativa senão agir como se tivesse vivido um andar abaixo por toda a minha vida.

Eu me pergunto o que teria acontecido se eu não tivesse ido ao concerto desta vez. Mas tal pergunta é, de hoje em diante, tão inútil quanto todas as outras perguntas. Vou tentar adormecer.

Moro agora no porão. Há a vantagem de que minha empregada não precisa mais se esforçar descendo para buscar carvão, ele está do nosso lado, e ela parece bastante satisfeita com isso. Suspeito que não tenha me perguntado nada porque assim é mais confortável para ela. Com a faxina ela nunca foi muito exigente; agora menos ainda. Seria ridículo exigir que de hora em hora tirasse o pó de carvão da mobília. Ela está satisfeita, eu posso ver. E o estudante diariamente sobe correndo as escadas do porão, assobiando, e volta à noite. De madrugada eu o ouço respirar profunda e compassadamente. Queria que um dia trouxesse uma garota que estranhasse o fato de ele morar no porão, mas ele não traz nenhuma garota. E ninguém mais pergunta. Os carvoeiros que despejam suas cargas no porão com um ruído estrondoso puxam seus gorros e me cumprimentam quando os encontro na escada. Geralmente eles retiram os sacos e ficam parados até que eu passe por eles. O zelador também me cumprimenta amigavelmente quando me vê antes de eu sair pela porta. De início, pensei por um momento que ele me cumprimentava mais amigavelmente do que antes, mas foi só imaginação. Muita coisa parece mais amigável a quem sai do porão.

Paro na rua e limpo o pó de carvão do meu casaco, apesar de só um pouco grudar nele. Afinal, é meu casaco de inverno, e ele é escuro. No bonde me surpreendo com o fato de o cobrador me tratar como os demais passageiros e de ninguém se afastar de mim. Eu me pergunto como será quando estiver morando na tubulação. Pois estou lentamente me acostumando com essa ideia.

Desde que passei a morar no porão, tenho ido ao concerto algumas noites. Geralmente aos sábados, mas também cada vez mais durante a semana. Afinal de contas, não ir não teria impedido que um dia eu morasse no porão. Eu me admiro com minha autorrecriminação, com todas as coisas que no começo relatei a essa descida. No início, eu sempre pensava: "Se ao menos não tivesse ido ao concerto ou atravessado a rua

para beber uma taça de vinho!” Agora já não penso isso mais. Desde que vim para o porão, tenho estado bem calma e bebo vinho sempre que tenho vontade. Não faria sentido temer os vapores da tubulação, pois então teria que igualmente começar a temer o fogo no centro da Terra – há muitas coisas que eu teria que temer. E, mesmo se ficasse sempre em casa e não desse mais nenhum passo para a rua, um dia eu estaria na tubulação. Eu me pergunto apenas o que minha empregada vai dizer sobre isso. De toda forma, ela ficaria dispensada de arejar os cômodos. E o estudante passaria assobiando, subindo e descendo através das escotilhas da tubulação. Pergunto-me também o que será dos concertos e das taças de vinho. E se o estudante de repente quiser trazer uma garota? Eu me pergunto se meus cômodos na tubulação ainda serão os mesmos. Até então têm sido, mas a casa termina na tubulação. E não consigo imaginar que a divisão entre quarto e cozinha e sala e quarto do estudante chegue até o centro da Terra.

Mas até aqui tudo continua inalterado. O papel de parede vermelho e a arca em frente, o corredor até a cozinha, cada quadro na parede, as velhas poltronas e as estantes de livros – e cada livro nelas. A vasilha do pão e as cortinas nas janelas.

As janelas, no entanto, as janelas são diferentes. Mas agora tenho ficado principalmente na cozinha, e a janela da cozinha desde sempre deu para o corredor. Ela foi sempre gradeada. Eu não tenho nenhum motivo para ir até o zelador por causa disso, e menos ainda por causa da vista modificada. Ele poderia, com razão, me dizer que uma vista não faz parte do apartamento, o aluguel é referente ao tamanho, mas não à vista. Ele poderia me dizer que a minha vista é assunto meu.

E não vou mesmo até ele, ficarei feliz enquanto for amigável. A única coisa que eu poderia objetar, talvez, seria o fato de que as janelas têm metade do tamanho. Mas aí ele, por sua vez, poderia retrucar que no porão não tem como ser de outra forma. E para isso eu não teria resposta. Afinal, não poderia dizer que não estou acostumada a isso por, até pouco tempo atrás, morar no quarto andar. Deveria ter me queixado disso já no terceiro andar. Agora é tarde demais.

Die zwölf Brüder

Jacob und Wilhelm Grimm

Es war einmal ein König, der hatte zwölf Kinder, das waren lauter Buben, er wollte auch kein Mädchen haben und sagte zur Königin: »wenn das dreizehnte Kind, das du zur Welt bringst, ein Mädchen ist, so laß ich die zwölf andern tödten, ists aber auch ein Bube, dann sollen sie alle miteinander leben bleiben.«

– Die Königin gedachte es ihm auszureden. Der König wollte aber nichts weiter hören: »wenns so ist, wie ich gesagt habe, so müssen sie sterben, lieber hau' ich ihnen selber den Kopf ab, als daß ein Mädchen darunter wäre.«

Da war die Königin traurig, denn sie hatte ihre Söhne von Herzen lieb und mußte nicht, wie sie zu retten waren. Endlich ging sie zu dem jüngsten, den sie vor allen lieb hatte, offenbarte ihm, was der König beschlossen, und sagte: »allerliebstes Kind, geh du mit deinen elf Brüdern hinaus in den Wald, da bleibt und kommt nicht nach Haus, einer von euch aber halte immer Wacht auf einem Baum und sehe nach dem Thurm hier, wenn ich ein Söhnchen zur Welt bringe, will ich obenauf eine weiße Fahne stecken, ists aber ein Töchterchen eine rothe, und wenn ihr das seht, dann rettet euch, flieht in die weite Welt, und der liebe Gott behüt euch. Alle Nacht will ich aufstehen und für euch beten; wenns kalt ist im Winter, daß ihr nicht friert und ein warmes Feuer vor euch brennt, und wenns heiß ist im Sommer, daß ihr in einem kühlen Walde ruht und schlaft.«

So gesegnete sie die Kinder und sie gingen fort in den Wald. Oft guckten sie nach dem Thurm, und einer mußte beständig auf einer hohen

Eiche sitzen und Acht haben. Bald auch wurde eine Fahne aufgesteckt, es war aber nicht die weiße, sondern die rothe Blutfahne, die ihnen den Untergang drohte. Wie die Buben sie erblickten, wurden sie alle zornig und riefen: »sollen wir eines Mädchens willen das Leben verlieren!« da schwuren sie zusammen, mitten in dem Wald zu bleiben, und aufzupassen, wenn sich ein Mädchen sehen ließ, wollten sie es ohne Gnade tödten.

Darauf suchten sie eine Höhle, wo der Wald am dunkelsten war, wo sie wohnten. Alle Morgen zogen elf hinaus auf die Jagd, einer mußte aber zu Haus bleiben, kochen, und den Haushalt führen. Jedes Mädchen aber, das den elfen begegnete, war ohne Barmherzigkeit verloren; das dauerte viele Jahre.

Das Schwesterchen zu Haus aber ward groß und blieb das einzige Kind. Einmal hatte es große Wäsche, darunter waren auch zwölf Mannshemden. »Für wen sind denn diese Hemder, fragte die Prinzesinn, meinem Vater sind sie doch viel zu klein,« da erzählte ihr die Wäscherin, daß sie zwölf Brüder gehabt hätte, die wären heimlich fortgegangen, kein Mensch wisse wohin, weil sie der König habe wollen tödten lassen, und diesen zwölf Brüdern gehörten diese zwölf Hemder. Das Schwesterchen verwunderte sich, daß ihm niemals von seinen zwölf Brüdern etwas zu Ohren gekommen und wie es Nachmittags auf der Wiese saß und die Wäsche bleichte, da fielen ihm die Worte der Wäscherin wieder ein, und es ward nachdenksam, und endlich stieg es auf, nahm die zwölf Hemder und ging in den Wald hinein, wo seine Brüder lebten.

Das Schwesterchen kam gerade zu der Höhle, wo sie ihre Wohnung hatten. Die elf waren auf der Jagd und nur ein einziger daheim, der kochen mußte. Wie der das Mädchen erblickte, faßte er es gleich, und holte sein Schwert: »knie nieder, dein rothes Blut muß den Augenblick fließen.« Das Mädchen aber bat ihn: »lieber Herr, laßt mich leben, ich will bei euch bleiben und euch redlich dienen, ich will kochen und den Haushalt führen.« Es war gerade der jüngste Bruder, den erbarmte die Schönheit des Mädchens und er schenkte ihr das Leben. Wie die elfe nach Haus kamen und sich wunderten, ein Mädchen lebendig in der Höhle zu finden, sagte er zu ihnen: »liebe Brüder, dies Mädchen ist in die Höhle gekommen, und wie ich es niederhauen wollte, da bat es so sehr um sein Leben, es wollt uns treu dienen und den Haushalt führen, daß ichs ihm

geschenkt habe.« Die andern gedachten, daß ihnen das vortheilhaft wäre und daß sie nun alle zwölf auf die Jagd ausgehen könnten, und warens zufrieden. Da zeigte es ihnen die zwölf Hemdlein und sagte, es wär' ihre Schwester; darüber freuten sie sich alle, und waren froh, daß sie es nicht getödtet hatten.

Das Schwesterchen übernahm nun den Haushalt, und wenn die Brüder auf der Jagd waren, sammelte es Holz und Kräuter, stellte zu am Feuer, deckte die Bettlein hübsch weiß und rein, und thät alles unverdrossen und fleißig. Einmal geschah es, daß es fertig war mit aller Arbeit, da ging es in den Wald spazieren. Es kam an einen Platz, wo zwölf schöne hohe, weiße Lilien standen, und weil sie ihr so wohl gefielen, brach sie alle miteinander ab. Kaum aber war das geschehen, so stand eine alte Frau vor ihr: »ach meine Tochter, sagte sie, warum hast du die zwölf Studentenblumen nicht stehen lassen! das sind deine zwölf Brüder, die sind nun alle in Raben verwandelt worden und sind verloren auf ewig.« Das Schwesterchen fing an zu weinen, »ach!« sagte es, »giebts denn kein Mittel sie zu erlösen?« »Nein, es ist kein Mittel auf der Welt, als ein einziges, das ist so schwer, daß du sie nicht damit befreien wirst: du mußt zwölf ganzer Jahr stumm seyn, sprichst du ein einziges Wort, und es fehlt nur eine Stunde daran, so ist alles umsonst und deine Brüder sind in dem Augenblick todt.«

Das Schwesterchen setzte sich da auf einen hohen Baum im Wald und spann und wollte zwölf Jahre stumm sitzen, um seine Brüder zu erlösen. Es geschah aber, daß der König auf einer Jagd durch den Wald ritt, und als er an dem Baum vorbei kam, stand sein Hund still und bellte. Der König hielt nun, sah hinauf und war ganz verwundert über die Schönheit der Prinzessin. Er rief ihr zu, ob sie seine Gemahlin werden wollte. Sie schwieg aber still und nickte nur ein wenig mit dem Kopf. Da stieg der König selber hinauf und hob sie herunter, setzte sie vor sich auf sein Pferd und brachte sie heim in sein Schloß, wo die Hochzeit prächtig gehalten ward. Die Prinzessin sprach aber niemals ein Wort und der König glaubte sie sey stumm. Doch hätten sie vergnügt miteinander gelebt, wenn nicht die Mutter des Königs gewesen wäre, die fing an die Königin bei ihrem Sohn zu verläumdnen: »es ist ein gemeines Bettelmädchen, das du aus der Fremde mitgebracht hast, die hinter deinem Rücken die schändlichsten

Dinge treibt.« Weil die Königin nun sich nicht vertheidigen konnte, ließ sich der König verführen, und glaubte ihr endlich und verurtheilte sie zum Tod. Da ward ein großes Feuer angemacht im Hof, darin sollte sie verbrannt werden. Schon stand sie in den Flammen und die spielten an ihrem Kleide; da war eben die letzte Minute von den zwölf Jahren verflossen, man hörte in der Luft ein Geräusch, und es kamen zwölf Raben hergeflogen und ließen sich nieder. Wie sie die Erde berührten, waren es zwölf schöne Prinzen, die rissen das Feuer von einander und führten ihre Schwester heraus. Da sprach sie ihr erstes Wort wieder und sagte dem König alles, wie es zugegangen und sie die zwölf Brüder habe erlösen müssen; und sie waren alle vergnügt, daß es so wohl geworden war.

Was sollten sie mit der bösen Stiefmutter anfangen; sie ward in ein Faß gesteckt von siedendem Oehl und von giftigen Schlangen angefüllt, und starb da eines bösen Todes.

GRIMM, Jacob und Wilhelm. *Kinder – und Hausmärchen*, Band 1. Leipzig: Reclam, 1982.

Os doze irmãos

Jacob e Wilhelm Grimm
Tradução: Isabel Cristina Costa

Era uma vez um rei, que teve doze filhos, todos meninos; também não queria ter nenhuma menina e disse à rainha: "Se a décima terceira criança que você trazer ao mundo for uma menina, mando matar os outros doze, mas se for um menino, então todos deverão viver juntos". – A rainha pensou em convencê-lo a mudar de ideia. Mas o rei não queria ouvir mais nada: "Como eu disse, se isso acontecer, ela deverá morrer; prefiro eu mesmo decapitar a cabeça deles, do que ter uma menina em meio a eles".

A rainha ficou triste, pois amava os filhos de coração e não sabia como poderia salvá-los. Finalmente, foi até o mais jovem, de todos o que mais amava, e revelou-lhe o que o rei decidira e disse: "Meu mais amado filho, vá com os seus onze irmãos para a floresta, permaneça lá e não venha para casa; mas um de vocês vigie constantemente sobre uma árvore e olhe em direção à torre aqui. Se eu der à luz um menininho, prenderei uma bandeira branca lá em cima, mas se for uma menininha prenderei uma vermelha, e se virem esta lá, então salvem-se, fujam mundo afora, e que o amado Deus os proteja. Todas as noites, levantarei e rezarei por vocês, que no frio do inverno não congelem e uma fogueira os aqueça, e que no calor do verão vocês descansem e durmam no frescor da floresta.

Então abençoou os filhos e eles foram embora para a floresta. Frequentemente olhavam em direção à torre e constantemente um deles

tinha que se sentar em um carvalho alto e ficar atento. Logo uma bandeira foi colocada, mas não era a branca, mas a bandeira vermelha de sangue, a que os ameaçava de morte. Assim que os meninos a avistaram, ficaram enfurecidos e gritaram: "Vamos perder a vida por causa de uma menina!". Então juraram juntos permanecer no meio da floresta e prestar atenção e se uma menina se deixasse ser vista, matariam-na sem pena.

Em seguida, procuraram uma caverna, no lugar mais escuro na floresta e onde morariam. Toda manhã, onze saíam para a caça, mas um tinha que ficar em casa, cozinhar e lidar com os serviços domésticos. Mas toda menina que se deparava com os onze estava impiedosamente perdida; isso durou muitos anos.

Porém a irmãzinha em casa cresceu e permaneceu como filha única. Uma vez havia uma grande quantidade de roupas para lavar, no meio estavam também doze camisas de homem. "Para quem são essas camisas?" perguntou a princesa; "Para o meu pai, são pequenas demais". Então a lavadeira lhe contou que tivera doze irmãos, que foram embora secretamente, ninguém sabia para onde, porque o rei queria mandar matá-los e a esses doze irmãos pertenciam as doze camisas. A irmãzinha se admirou, nunca tinha ouvido falar em seus doze irmãos e quando à tarde se sentou sobre a relva e a roupa quarava, as palavras da lavadeira lhe ocorreram novamente e estava pensativa; finalmente levantou-se, pegou as doze camisas e foi para a floresta adentro, onde seus irmãos viviam.

A irmãzinha foi exatamente para a caverna, onde eles tinham sua morada. Os onze estavam fora caçando e, em casa, somente um único, o que devia cozinhar. Assim que avistou a menina, agarrou-a logo e apanhou sua espada: "Ajoelhe-se, nesse momento seu sangue vermelho deverá ser derramado". Mas a menina lhe rogou: "Caro senhor, deixe-me viver, quero viver com vocês e lhes servir lealmente; irei cozinhar e lidarei com os serviços domésticos". Era justamente o irmão mais jovem, que se compadeceu da beleza da menina e lhe presenteou a possibilidade de seguir vivendo. Quando os onze irmãos voltaram para casa, espantaram-se ao encontrar uma menina viva na caverna; disse-lhes: "Queridos irmãos, esta menina entrou na caverna e, quando eu quis abatê-la, clamou tanto por sua vida, queria nos servir fielmente e lidar com os afazeres da casa, que dei a ela esse presente. Os outros ponderaram que

aquilo seria vantajoso e que agora todos os doze poderiam sair à caça e ficaram satisfeitos. Então ela lhes mostrou as doze camisas e disse que era a irmã deles; com isso todos se alegraram e estavam contentes por não a terem matado.

A irmãzinha assumiu então os afazeres domésticos e, quando os irmãos estavam à caça, juntava madeira e ervas, colocava no fogo, cobria as caminhas lindamente, com lençóis brancos e limpos; e fazia tudo de bom grado e assiduamente. Aconteceu certa vez que todo o trabalho estava pronto e ela foi passear na floresta. Chegou a um lugar, onde estavam doze altos e belos lírios brancos e porque a agradaram tanto, apanhou todos. Mas mal isso tinha acontecido, lá estava uma velha senhora diante dela: “Ah, minha filha”, disse a velha, “por que não deixou os lírios lá?! São os seus doze irmãos, agora todos transformados em corvos e perdidos para sempre”. A irmãzinha começou a chorar, “Ah!”, disse, “então não existe nenhum meio de desencantá-los?”, “Não, não há meio no mundo, senão um único, que é tão difícil que não os livrará: você deve ficar muda por doze anos inteiros; se disser uma única palavra, mesmo que falte apenas uma hora, tudo terá sido em vão e seus irmãos estarão mortos no mesmo instante”.

A irmãzinha sentou-se em uma árvore alta na floresta e começou a fiar; queria ficar sentada em silêncio por doze anos, para salvar os irmãos. Mas aconteceu que um rei saía em cavalgada para caçar na floresta e, quando passou pela árvore, seu cachorro parou e latiu. Então o rei se deteve, olhou para cima e ficou bastante admirado com a beleza da princesa. Gritou para ela, se queria se tornar sua esposa. Mas permaneceu calado e apenas acenou de leve com a cabeça. Aí o rei mesmo subiu e a trouxe para baixo, colocou-a sobre o cavalo e a levou para casa em seu castelo, onde um casamento suntuoso foi realizado. Porém, a princesa nunca falava uma palavra e o rei achou que era muda. Assim teriam vivido felizes juntos, não fosse a mãe do rei, que começou a caluniar a rainha para o filho. “Ela é uma mendiga indecente que você trouxe do estrangeiro e que por trás de suas costas pratica as coisas mais vergonhosas”. Como a rainha não podia se defender, o rei finalmente se deixou convencer pela mãe, acreditou nela, e condenou a rainha à morte. Acenderam uma grande fogueira no pátio do palácio,

onde seria queimada. Ela já estava nas chamas, as quais roçavam seu vestido; e esse era precisamente o último minuto dos doze anos que haviam decorrido, ouviu-se um ruído no ar, e doze corvos vieram voando e pousaram. Assim que tocaram o chão, eram os doze lindos príncipes; desfizeram a fogueira e levaram a irmã deles de lá. Então ela pronunciou suas primeiras palavras de novo; contou ao rei tudo o que se passara, o que precisara fazer para salvar os doze irmãos, e todos ficaram satisfeitos que tudo estivesse terminando muito bem.

O que deviam fazer com a madrasta má? Ela foi colocada num barril com óleo fervente, cheio de serpentes venenosas, e teve ali uma morte cruel.

Brüderchen und Schwesterchen

Jacob und Wilhelm Grimm

Brüderchen nahm sein Schwesterchen an der Hand und sagte: »seit die Mutter todt ist, haben wir keine gute Stunde mehr, die Stiefmutter schlägt uns alle Tage, und wenn wir zu ihr kommen, stößt sie uns mit dem Fuß fort; sie giebt uns auch nichts zu essen, als harte Brotkrusten; dem Hündlein unter dem Tisch gehts besser, dem wirft sie doch manchmal was Gutes zu, daß Gott erbarm, wenn das unsere Mutter wüßte! Komm laß uns miteinander fortgehen.« Sie gingen zusammen fort und kamen in einen großen Wald, da waren sie so traurig und so müde, daß sie sich in einen hohlen Baum setzten und da Hungers sterben wollten.

Sie schiefen zusammen ein, und wie sie am Morgen aufwachten, war die Sonne schon lange aufgestiegen und schien heiß in den hohlen Baum hinein. »Schwesterchen, sagte das Brüderchen nach einer Zeit, mich dürstet so gewaltig, wenn ich ein Brunnlein in der Nähe wüßte, ich ging hin und tränk einmal, es ist mir auch, als hörte ich eins rauschen.« — »Was hilft das, antwortete das Schwesterchen, warum willst Du trinken, da wir doch Hungers sterben wollen.« — Brüderchen aber schwieg still und stieg heraus, und weil es das Schwesterchen immer fest mit der Hand hielt, mußte es mit heraussteigen. Die böse Stiefmutter aber war eine Hexe, und wie sie die zwei Kinder hatte fortgehen sehen, war sie ihnen nachgegangen und hatte ein klares Brunnlein in der Nähe des Baums aus dem Felsen springen lassen, das sollte durch sein Rauschen die Kinder herbeilocken und zum trinken reizen, wer aber davon trank, der ward in ein Rehkälbchen verwandelt. Brüderchen kam bald mit dem

Schwesterchen zu dem Brunnlein, und als er es so glitzerig über die Steine springen sah, ward seine Lust immer größer, und er wollte davon trinken. Aber dem Schwesterchen war Angst, es meinte, das Brunnlein spräche im Rauschen und sagte: »wer mich trinkt, wird zum Rehkälbchen; wer mich trinkt, wird zum Rehkälbchen!« da bat es das Brüderchen, nicht von dem Wasser zu trinken. »Ich höre nichts, sagte das Brüderchen, als wie das Wasser so lieblich rauscht, laß mich nur gehen!« Damit legte es sich nieder, beugte sich herab und trank, und wie der erste Tropfen auf seine Lippen gekommen war, da lag ein Rehkälbchen an dem Brunnlein.

Das Schwesterchen weinte und weinte, die Hexe aber war böse, daß sie es nicht auch zum Trinken hatte verführen können. Nachdem es drei Tage geweint, stand es auf und sammelte die Binsen in dem Wald, und flocht ein weiches Seil daraus. Dann band es das Rehkälbchen daran und führte es mit sich.

Es suchte ihm auch eine Höhle, trug Moos und Laub hinein und machte ihm ein weiches Lager; am Morgen ging es mit ihm hinaus, wo zartes Gras war und sammelte das allerschönste, das fraß es ihm aus der Hand, und das Rehkälbchen war dann vergnügt und spielte auf den Hügeln. Abends aber, wenn Schwesterchen müde war, legte es seinen Kopf auf den Rücken des Rehkälbchens, das war sein Kissen, und so schlief es ein; und hätte das Brüderchen nur seine menschliche Gestalt gehabt, das wäre ein herrliches Leben gewesen.

So lebten sie lange Jahre in dem Wald. Auf eine Zeit jagte der König und verirrte sich darin. Da fand er das Mädchen mit dem Thierlein in dem Wald und war erstaunt über seine Schönheit. Er hob es zu sich auf sein Pferd und nahm es mit, und das Rehkälbchen lief an dem Seile nebenher. An dem königlichen Hofe ward ihm alle Ehre angethan, schöne Jungfrauen mußten es bedienen, doch war es selber schöner, als alle andern; das Rehkälbchen ließ es niemals von sich, und that ihm alles Gute an. Bald darauf starb die Königin, da ward das Schwesterchen mit dem König vermählt und lebte in allen Freuden.

Die Stiefmutter aber hatte von dem Glück gehört, das dem armen Schwesterchen begegnet; sie dachte es wäre längst im Wald von den wilden Thieren gefressen worden, aber die hatten ihm nichts gethan, und nun war es Königin im Reich. Die Hexe war so böse darüber, daß sie nur

darauf dachte, wie sie ihr das Glück verderben könnte. Als im folgenden Jahr die Königin einen schönen Prinzen zur Welt gebracht hatte, und der König auf der Jagd war, trat sie in der Gestalt der Kammerfrau in die Stube, worin die Kranke lag. »Das Bad ist für euch bereitet, sagte sie, das wird euch wohlthun und stärken, kommt eh' es kalt wird.« Sie führte sie darauf in die Badestube; wie die Königin hineingetreten war, schloß sie die Thüre hinter ihn zu, drin aber war ein Höllenfeuer angemacht, da mußte die schöne Königin ersticken. Die Hexe hatte eine rechte Tochter, der gab sie ganz die äußerliche Gestalt der Königin und legte sie an ihrer Stelle in das Bett. Der König kam am Abend heim, und wußte nicht, daß er eine falsche Frau habe. Aber in der Nacht — sah die Kinderfrau — trat die rechte Königin in die Stube, sie ging zur Wiege, nahm ihr Kind heraus, hob es an ihre Brust und gab ihm zu trinken, dann schüttelte sie ihm sein Bettchen auf, legte es wieder hinein und deckte es zu. Darauf ging sie in die Ecke wo das Rehkälbchen schlief und streichelte ihm über den Rücken. So kam sie alle Nacht und ging wieder fort, ohne ein Wort zu sprechen.

Einmal aber trat sie wieder ein und sprach:

»Was macht mein Kind? was macht mein Reh?

nun komm' ich noch zweimal und dann nimmermehr.«

und that alles, wie in den andern Nächten. Die Kinderfrau weckte aber den König und sagte es ihm heimlich. Der König wachte die andere Nacht, und da sah er auch, wie die Königin kam und hörte deutlich ihre Worte:

»Was macht mein Kind? was macht mein Reh? nun komm' ich noch einmal und dann nimmermehr.«

Aber er getraute sich nicht, sie anzureden. In der andern Nacht wacht' er wieder, da sprach die Königin:

»Was macht mein Kind? was macht mein Reh? nun komm' ich noch diesmal her und dann nimmermehr.«

Da konnte sich der König nicht länger halten, sprang auf und umarmte sie, und wie er sie anrührte, ward sie wieder lebendig, frisch und roth. Die falsche Königin ward in den Wald geführt, wo die wilden Thiere sie fraßen, die böse Stiefmutter aber ward verbrannt, und wie das Feuer sie verzehrte, da verwandelte sich das Rehkälbchen, und Brüderchen

und Schwesterchen waren wieder beisammen und lebten glücklich ihr Lebelang.

GRIMM, Jacob und Wilhelm. *Kinder – und Hausmärchen*, Band 1. Leipzig: Reclam, 1982.

O irmãozinho e a irmãzinha

Jacob e Wilhelm Grimm

Tradução: Marissa Daniela Vaz de Oliveira

O irmãozinho pegou sua irmãzinha pela mão e disse:

– Desde que a nossa mãe se foi, não temos mais um minuto de paz sequer, a madrasta nos bate todos os dias e, quando vamos vê-la, ela nos enxota aos pontapés. Também não ganhamos nada para comer além de cascas de pão duras. O cachorrinho embaixo da mesa recebe coisa melhor, pois às vezes ela joga algo bom para ele. Que Deus tenha piedade, se ao menos nossa mãe soubesse disso! Venha, vamos embora daqui.

Eles partiram juntos e chegaram a uma grande floresta, onde ficaram tão tristes e cansados que se sentaram em uma árvore oca para morrer de fome ali mesmo.

Eles adormeceram juntos e, quando acordaram pela manhã, já fazia algum tempo que o sol havia nascido e brilhava quente dentro da árvore oca.

– Irmãzinha – disse o menino depois de um tempo –, estou com tanta sede que, se soubesse de uma fontezinha por perto, andaria até lá e tomaria um gole dela. Também tenho a impressão de que ouvi um sussurro.

– E de que adiantaria isso? – respondeu a menina – Por que você quer tomar água se já vamos morrer de fome?

O irmão calou-se e desceu da árvore, e a irmã teve que descer também, já que ele não largava nunca sua mão. Mas acontece que a madrasta malvada era uma bruxa que, ao ver as duas criancinhas indo embora, partiu atrás delas e fez uma fonte límpida brotar das rochas próximas da

árvore onde elas estavam. Aquilo devia atrair as crianças para beber de sua água. Quem o fizesse, no entanto, era transformado em um filhote de veado. Os irmãos logo chegaram até a fonte e, ao vê-la saltar das pedras com aquele brilho tão radiante, o menino teve ainda mais vontade de beber a água dali. Mas a irmã teve medo, pois pensou ter ouvido a fonte sussurrar para ela dizendo: "Quem beber de mim se transformará em um filhote de veado, quem beber de mim se transformará em um filhote de veado!" Ela então pediu ao irmão que não bebesse nada.

- Não estou ouvindo nada - disse o irmãozinho -, nada além do doce sussurro da água. Deixe-me ir de uma vez!

Com isso, ele se deitou na margem e se curvou para beber a água. Assim que a primeira gota tocou em seus lábios, lá estava um filhotinho de veado deitado na fonte.

A irmãzinha chorou sem parar. A bruxa, por outro lado, ficou zangada por não ter conseguido persuadir a garota a também beber da fonte. Após três dias chorando, a menina se levantou e reuniu os juncos na floresta, com os quais teceu uma corda macia, então amarrou o filhote e o levou consigo. Também encontrou uma caverna, para a qual levou musgos e folhagens que lhe serviriam de cama. Na manhã seguinte, a menina caminhou com o animalzinho até um lugar onde a relva crescia tenra e colheu as coisas mais lindas que ali havia, e o irmão as comeu de sua mão. O veadinho ficou contente com isso e começou a brincar nas colinas. Ao anoitecer, quando se sentiu cansada, a irmãzinha deitou a cabeça em seu dorso, como se fosse um travesseiro, e adormeceu dessa maneira. Se ao menos o irmão estivesse em sua forma humana, uma vida dessas teria sido maravilhosa.

E assim os dois viveram por muitos anos na floresta. Um belo dia, o rei saiu para caçar e se perdeu. Foi aí que encontrou a garota com o seu animalzinho na floresta e ficou admirado com a sua beleza. Ele a montou em seu cavalo e a levou consigo, e o filhote foi correndo ao lado deles amarrado na corda. A garota recebia as honras de todos na corte real, e lindas donzelas tinham de servi-la, mas ela mesma era mais linda que todas as outras. O filhote não saía nunca do seu lado e isso fazia bem a ele. A rainha morreu logo em seguida, e a irmãzinha se casou com o rei e vivia muito feliz.

Mas a madrasta ficou sabendo da sorte que a pobrezinha teve. Ela achava que a garota já havia sido devorada pelos animais da floresta fazia muito tempo, mas eles nada tinham feito a ela, que agora se tornara a rainha do reino. A bruxa ficou tão zangada com isso que não pensava em nada além de arruinar essa felicidade. No ano seguinte, quando havia a rainha dado à luz um lindo príncipe e o rei saído para caçar, a madrasta, na forma de uma criada, entrou no quarto onde a mãe convalescente estava deitada.

– Seu banho já está pronto – disse ela –, a senhora ficará melhor e mais forte. Venha antes que a água se esfrie.

A rainha foi levada então para o aposento de banho, mas a bruxa trancou a porta assim que ela entrou no recinto, pois lá dentro estava aceso um fogo infernal que a sufocaria até a morte. A bruxa tinha uma filha legítima, a quem fez assumir a aparência da rainha e deitou-a em seu lugar na cama. O rei chegou em casa no fim daquela tarde e não sabia que ali estava uma impostora. À noite, porém, a ama viu a rainha legítima entrando no quarto. Ela foi ao berço, pegou seu filho, ergueu-o até o seio e deu-lhe de mamar, então sacudiu sua caminha, deitou-o novamente e o cobriu. Em seguida, ela foi até o canto onde o veadinho dormia e acariciou seu dorso. Assim ela vinha todas as noites e ia embora sem dizer nenhuma palavra, até que uma vez apareceu novamente e disse:

“Como está meu filho? Como está meu veadinho?

Só virei mais duas vezes e depois nunca mais”.

E fez tudo como nas outras noites. A ama, porém, acordou o rei e lhe contou o ocorrido em segredo. O rei ficou acordado na noite seguinte e também pôde ver a rainha, ouvindo claramente suas palavras, que diziam:

“Como está meu filho? Como está meu veadinho?

Só virei mais uma vez e depois nunca mais”.

Todavia, ele não se atreveu a falar com ela. Na noite seguinte, o rei permaneceu acordado mais uma vez, até que a rainha chegou e disse:

“Como está meu filho? Como está meu veadinho?

Só virei mais desta vez e depois nunca mais”.

Não conseguindo mais se conter, o rei deu um salto e a abraçou. Ao ser tocada, a rainha legítima voltou à vida, com a pele corada e uma

aparência sadia. A rainha impostora foi levada para a floresta, onde foi devorada pelos animais selvagens. A madrasta malvada foi queimada viva, e o filhote de veado voltou a sua forma humana enquanto a bruxa era consumida pelo fogo. Assim, o irmãozinho e a irmãzinha se reuniram novamente e viveram felizes para sempre.

Lettipark

Judith Hermann

Wie schön Elena gewesen ist! Ein mageres schönes Mädchen, schwarzäugig und dunkelbraun, angespannt wie eine Bogensehne und mit einer Röte im Gesicht, als würde sie sich immerzu in die Wangen kneifen. Elena war kräftig, mutig, heiter und gereizt, sie war immer auf der Hut. Sie trug Röcke über Hosen wie eine Zigeunerin, billigen Schmuck und keine Schminke, und ihre Haare waren so verfilzt, als würde sie den ganzen Tag im Bett liegen, rauchen, die Asche auf den Boden schnippen und die Beine breit machen. Abends jedenfalls ging sie arbeiten, in einer Kneipe in einer Straße mit kaputtem Kopfsteinpflaster, verfallenen Häusern, offenen Haustüren, Akazien rechts und links, Birken auf den Höfen. Im Winter roch es nach Kohle und im Sommer nach Ginster und Staub. Elena war eine, die sich am Abend die Haare mit einem Bleistift zum Knoten hochsteckte. Sie zog einen rostroten Rock über eine minzgrüne Hose, schloss die Kneipe auf, kehrte mit dem Besen die Zigarettenstummel raus, nahm sich ein Bier, drehte die Musik auf und die bunte Glühbirnenkette zwischen den Akazienästen an. Später kamen alle vorbei. Elena war das schönste Mädchen der Straße.

Elena steht vor Rose an der Kasse in der Markthalle, Rose erkennt sie zu spät, erst, als sie schon Erdbeeren, Zucker und Sahne aufs Band gelegt hat, erkennt sie Elena. Hätte sie Elena früher erkannt, wäre sie noch mal umgekehrt und hätte sich nach irgendwas umgesehen, aber nun geht's nicht mehr. Paul ist auch schon da, er legt seine Sachen zu ihren

Sachen dazu, Fisch in der Büchse, Tabak und eine Flasche Port. Elena sieht nicht hin. Sie ist schwer und alt geworden, phlegmatisch und langsam, sie ist unverkennbar Elena – Mandelaugen und Haare wie Schlangen, eine Haut, der man die Wärme ansieht, und sie ist immer größer als alle anderen –, aber sie scheint da in etwas hineingeraten zu sein. Sie hat jemanden bei sich, einen Inder, stämmig, energisch und kräftig, kann sein mit einer Neigung zur Gewalttätigkeit und ein wenig verwahrlost, er trägt staubige Badelatschen an den Füßen, und sein geblühtes Hemd ist fleckig. Der Inder ordnet die Dinge auf dem Band. Reicht sie der Kassiererin, nimmt sie wieder in Empfang, er packt auch ein, Elena steht nur daneben. Abwesend. Mit hängenden Armen. Tomaten, Basilikum im Topf, Kerzen und Reis. Zigaretten. Zwei Flaschen Whiskey. Elena holt ein Portemonnaie aus der Tasche und klappt es auf wie ein Buch. Sie hebt den Kopf und sieht Rose an. Mit welchem Ausdruck? Rose kann's nicht erkennen. Elena sieht aus wie eine traurige Riesin. Eine schwermütige, verzauberte Riesin.

Heiliger Strohsack, sagt Paul. Verdammst nochmal. Es ist nicht zu begreifen, diese Langsamkeit der Leute. Diese scheiß Kälte in dem Laden hier. Ein Eisfach von einem Laden, das ist das letzte Mal, dass wir in diesem Laden gewesen sind, Rose, hörst du, was ich dir sage. Erdbeeren. Dein Irrglaube, du bräuchtest noch dieses oder jenes.

Niemand kann das Wort Erdbeeren mit so viel Verachtung sagen wie Paul. Er lässt Rose stehen und geht zum Zeitungsstand rüber, es ist nicht zu kalt, um in den Zeitungen zu blättern. Der Inder hat etwas wahrgenommen, eine feine, fadendünne Schwingung. Er nimmt Elena das Portemonnaie aus der Hand und wirft Rose einen flackernden Blick zu. Weiß er, wie schön Elena mal gewesen ist, hat er irgendeine Vorstellung davon. Und wäre die Lage anders, wenn er's wüsste?

Rose.

Paul ruft sie, und plötzlich hat Elena doch was begriffen, sie dreht den schweren Kopf von Rose zu Paul hin und versteht den Zusammenhang. Paul hält die Zeitung hoch, die Boulevardzeitung, in der er Roses und sein Horoskop nachliest, die Behauptungen in Roses Horoskop sind für Paul wahrhaftiger als Roses eigene Behauptungen, und wenn das Horoskop meint, sie solle sich besinnen und ihrem Partner endlich die Wahrheit sagen, dann kann Rose sich auf eine schwere Woche einstellen. Paul hält

die Zeitung hoch, die Schlagzeile verkündet Kannibalenmorde, nahende Barbaren und steigende Wasserpreise, er ruft, du sollst dir eine Auszeit nehmen Rose, mal ein bisschen runterkommen, und Elena dreht den Kopf zurück zu Rose.

Rose und Elena hatten nichts gemeinsam außer dem Blick, den Page Shakusky auf sie geworfen hatte. Dem Fakt, ein Bild in Page Shakuskys Augen gewesen zu sein. Eine Vision. Rose ging nämlich studieren, und Page Shakusky hatte sie entdeckt, er hatte sie auf ihrem hastigen Weg vom Campus nach Hause zurück und mit keinem anderen Ziel, als sich was zu essen zu machen, am Schreibtisch zu essen und dabei weiterzulernen, gestellt. Rose war an Elenas Kneipe vorübergeeilt, und Page Shakusky war von dem schiefen Gartentisch,

an dem er immer saß, aufgesprungen und hatte sie festgehalten. Betrunken, naturgemäß betrunken, er war nie nüchtern gewesen. Er hatte gesagt, was bist du für ein hübsches und zierliches Mädchen mit dem Gang einer Giraffe und dem Liebreiz von Singvögeln, alle starren dich an. Rose ließ sich nichts weismachen. Sie schüttelte ihn ab und eilte weiter und rannte die Treppen zu ihrer Wohnung hoch, und oben angekommen, verschloss sie die Tür von innen. Sie ließ sich den Hof machen, aber sie fiel nicht drauf rein. Page Shakusky war eine ganze Weile lang hartnäckig, er lag morgens vor ihrer Tür, wenn sie die Wohnung verließ, er kletterte auf ihren Balkon und wartete, bis sie nach Hause kam, er schrieb ihr unzählige Briefe voller Versprechungen, Schwüre und Anzüglichkeiten. Rose hielt sich die Hände vor die Ohren und machte die Augen zu. Sie war verklemmt und damit beschäftigt, sich im Leben über Wasser zu halten, und sie wusste, dass Page Shakusky eigentlich ganz genauso war, er hatte sich nur eine andere Strategie ausgedacht. Unmöglich, sich auf ihn einzulassen.

Er versuchte es eine Weile, und dann ließ er's sein, weil er eine andere Klosterschülerin entdeckt hatte, und dann ließ er sich auf einmal mit Elena ein, und das war was anderes, er stürzte über Elena. Elena schien von jeglicher Bereitschaft zur Selbstaufgabe frei zu sein. Sie schien überhaupt frei zu sein. Sie brach Page Shakusky nach sechs Wochen das Herz, sie brach es in der Mitte und gänzlich nebenbei in zwei Stücke, und dann steckte sie sich wieder ihren Bleistift in die Haare und knipste

die bunte Glühbirnenkette na und setzte sich vor ihre Ladentür, als wäre nichts gewesen.

Der Inder hat seinen und Elenas gemeinsamen Einkauf bezahlt. Auf eine Weise, als gingen sie schon ihr ganzes Leben zusammen einkaufen, als bezahle er für sich und Elena schon immer. Paul wirft die Zeitung auf den Stapel zurück und kommt zur Kasse rüber. Die Kassiererin ist blond und jung, sie nimmt die Erdbeeren hoch und schaut Rose ausdruckslos in die Augen. Paul wird sie fragen, was sie eigentlich macht, er fragt das jede junge Kassiererin. Rose fällt der Lettipark ein. Pages Geschenk für Elena, und sie kann sich nicht daran erinnern, ob Elena ihn da schon verlassen hatte oder ob sie ihn nach diesem Geschenk verließ. Mit oder wegen dieses Geschenkes verließ. Elena hatte ihre Kindheit im Lettipark verbracht, sie hatte Page davon erzählt. Und Page war losgegangen und hatte den Lettipark für Elena fotografiert. Im Winter. Ein gewöhnlicher, trostloser Park am Stadtrand, eine Brache, und es gab gar nichts zu sehen, verschneite Wege, ein verlassenes Rondell, Bänke und eine leere Wiese. Kahle Bäume, grauer Himmel, das war auch schon alles gewesen. Aber Page war der Spur von Elenas Kindheit mit Andacht hinterhergegangen.

Er hatte Rose besucht – sie konnte ihm, seitdem er mit seinem heftigen, gleichgültigen Werben um sie aufgehört hatte, seitdem er mit Elena ging, die Wohnungstür aufmachen, und sie ließ die Tasse, aus der er Tee mit Rum getrunken hatte, tagelang auf dem Küchentisch stehen – und ihr die Fotos gezeigt. Er hatte sie sorgfältig in ein Buch hineingeklebt und mit wilder Schrift das Wort Lettipark auf das Buch geschrieben und darunter – für Elena. Für meine Elena. Rose hatte gedacht, ein Geschenk wie dieses bekäme man nur einmal. Aber Elena ließ Page Shakusky trotzdem sitzen, mit dem Kopf auf dem schiefen Gartentisch, so saß er früh um sieben vor der Kneipe, barfuß, verweint und betrunken. Später verschwand er aus ihrer beider Leben. Rose zog weg. Elena gab die Kneipe auf. Die bunte Glühbirnenkette hing noch eine Weile in den Akazienzweigen. Rose ist schon lange nicht mehr dort gewesen.

HERMANN, Judith. *Lettipark*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 2016. p. 43-49.

Lettipark

Judith Hermann

Tradução: Guilherme Oliveira Mello

Como Elena era linda! Uma garota linda e muito magra, de olhos negros e cabelos castanho-escuros, tesa como uma corda de arco e com um rubor na face, como se o tempo todo beliscasse as próprias bochechas. Elena era vigorosa, corajosa, radiante e irritadiça, estava sempre precavida. Usava saias por cima das calças – feito uma cigana –, bijuteria, mas não maquiagem. E seus cabelos eram tão desgrenhados, como se passasse o dia inteiro deitada na cama, fumando, batendo as cinzas no chão e arreganhando as pernas. Em todo caso, à noite ela ia trabalhar em um bar numa rua de paralelepípedos quebrados, prédios decadentes, portas da frente abertas, acácias à direita e à esquerda, bétulas nos pátios. No inverno o lugar cheirava a carvão e no verão a genista e poeira. Elena era do tipo que, à noite, prendia com um lápis os cabelos em coque. Ela vestia uma saia vermelho-ferrugem sobre uma calça verde-hortelã, abria o bar, varria as bitucas de cigarro para fora, tomava uma cerveja, ligava a música e acendia o varal de lâmpadas coloridas entre os ramos de acácias. Mais tarde apareciam todos. Elena era a garota mais linda da rua.

Elena está na frente de Rose no caixa do mercado, Rose a reconhece tarde demais, só depois de já ter colocado os morangos, açúcar e o creme de leite na esteira, aí sim reconhece Elena. Tivesse reconhecido Elena mais cedo, teria se virado e olhado para trás em busca de algo, mas agora não dá mais. Paul também já está ali, ele põe suas coisas ao lado das dela, peixe enlatado, tabaco e um vinho do Porto. Elena não repara. Ela engordou e envelheceu, está fleumática e lenta, é inconfundivelmente

Elena – olhos amendoados e madeixas semelhantes a serpentes, uma pele em que se vê o calor, e que é sempre maior que todas as outras – mas agora parece estar metida em dificuldades. Alguém a acompanha, um indiano, troncudo, enérgico e robusto, possivelmente com uma inclinação à violência e um pouco desleixado, ele traz chinelos empoeirados nos pés, e sua camisa florida está manchada. O indiano organiza as coisas na esteira. Entrega-as à atendente, pega-as do outro lado e ainda as põe na sacola, Elena só fica parada ao lado. Ausente. Ombros caídos. Tomates, manjerição em vaso, velas e arroz. Cigarros. Duas garrafas de uísque. Elena tira uma carteira da bolsa e abre-a feito um livro. Ergue a cabeça e vê Rose. Com que expressão? Rose não consegue distinguir. Elena se assemelha a uma gigante triste. Uma gigante melancólica e enfeitada.

Caralho, diz Paul. Que desgraça. Não dá pra entender a lentidão dessa gente. Essa merda de frio aqui. Que gelo de lugar, essa é a última vez que nós pisamos neste lugar, Rose, ouça o que eu digo. Morangos. Você e sua ideia-fixa de que precisaria de mais isto ou mais aquilo.

Ninguém consegue pronunciar a palavra morangos com tanto desprezo quanto Paul. Ele deixa Rose ali parada e vai até a banca de jornal em frente, não está tão frio para dar uma folheada nos jornais. O indiano percebeu algo, uma sutil e tênue vibração. Ele toma a carteira das mãos de Elena e lança a Rose um olhar fulminante. Se soubesse como Elena já foi linda, se tivesse alguma ideia. E a situação seria diferente se soubesse?

Rose.

Paul a chama, e bem aí, de repente, Elena captou algo; ela volta a cabeça pesada de Rose para Paul e entende a ligação. Paul segura o jornal no alto, o tabloide sensacionalista, no qual confere seu horóscopo e o de Rose, as afirmações no horóscopo de Rose são para Paul mais verdadeiras que as próprias afirmações de Rose, e se o horóscopo diz que ela deveria refletir e finalmente contar a verdade ao parceiro, então Rose pode se preparar para uma semana difícil. Paul segura o jornal no alto, a manchete relata assassinios canibais, bárbaros nas proximidades e alta no preço da água, ele grita, você deveria fazer uma pausa, Rose, sossegar o facho, e Elena volta a cabeça para Rose.

Rose e Elena não tinham nada em comum, exceto pelo olhar que Page Shakusky lançara sobre elas, e pelo fato de terem sido uma imagem nos olhos de Page Shakusky. Uma visão. É que Rose saía para estudar, e Page Shakusky a vira, ele entrou em seu apressado caminho de volta do campus para a casa, quando ela não tinha outro objetivo senão preparar algo para comer, comer na escrivadinha e enquanto isso continuar estudando. Rose passara apressada pelo bar de Elena, e Page Shakusky se levantara num salto da mesa torta do jardim, da que sempre se sentava, e a agarrara. Bêbado, bêbado – como de praxe –, nunca estivera sóbrio. Ele dissera: mas que garota encantadora e graciosa você é, com esse andar de gazela e esse charme de ave cantadeira, todos te fitam fixamente. Rose não caiu nessa. Livrou-se dele, apressou-se e correu escada acima até seu apartamento, e ao chegar lá em cima, trancou a porta por dentro. Ela se deixou cortejar, mas não deu confiança. Page Shakusky persistiu por um bom tempo, de manhã ficava deitado na frente da porta dela, quando ela saía de casa, subia até sua sacada e esperava até que voltasse, escrevia-lhe incontáveis cartas, cheias de promessas, juras e safadezas. Rose tapava os ouvidos e fechava os olhos. Era retraída e estava preocupada em sobreviver, e sabia que, no fundo, Page Shakusky assim como ela também estava, só que adotara outra estratégia. Impossível se envolver com ele. Ele tentou por um tempo, e aí deixou a ideia de lado, porque achou uma outra aluna de convento, e de repente se envolveu com Elena, o que foi diferente, se lançou sobre ela. Elena parecia renunciar a qualquer decisão que ameaçasse sua liberdade. Parecia afinal ser livre. Ela partiu o coração de Page Shakusky depois de seis semanas, partiu-o no meio, de fora a fora em dois pedaços, e então espetou o seu lápis nos cabelos novamente e acendeu o varal de lâmpadas coloridas, e se sentou na frente da porta de sua loja, como se nada tivesse acontecido.

O indiano pagou junto suas compras e as de Elena. De uma forma como se a vida toda tivessem ido juntos às compras, como se sempre pagasse para si e para Elena. Paul joga o jornal de volta na pilha e vai para o caixa do outro lado. A atendente é loira e jovem, levanta os morangos e fita Rose nos olhos, sem expressão. Paul irá perguntar o que é que ela faz mesmo – ele pergunta isso a toda jovem atendente.

Rose se lembra do Lettipark. Do presente de Page para Elena, e não consegue se lembrar se Elena naquele momento já o deixara, ou se o deixou depois do presente. Com ou por causa daquele presente, ela o deixou. Elena passara sua infância no Lettipark, contara isso a Page. E Page saíra e fotografara o Lettipark para Elena. No inverno. Um parque comum e abandonado na periferia, um terreno baldio, e não havia quase nada para se ver, caminhos cobertos de neve, uma rotunda abandonada, bancos e um campo vazio. Árvores nuas, céu cinza, e isso era tudo. Mas Page seguira com devoção o rastro da infância de Elena. Visitara Rose – que conseguira abrir a porta para ele, desde quando cessara com seu violento e fútil cortejo, desde que estava com Elena. Rose deixava a taça, na qual ele tomara chá com rum, ficar dias a fio sobre a mesa da cozinha – e mostrara-lhe as fotos. As colara cuidadosamente dentro de um livro, sobre o qual escrevera com uma letra grosseira o nome Lettipark e embaixo... para Elena. Rose pensara, um presente como esse só se recebe uma vez. Apesar disso Elena deixou Page Shakusky, sentado, com a cabeça sobre a mesa torta do jardim, assim como estava mais cedo, às sete em frente ao bar, descalço, olhos inchados de choro e bêbado. Mais tarde, ele desapareceu da vida das duas. Rose se mudou para longe. Elena desistiu do bar. O varal de lâmpadas coloridas ainda ficou mais um tempo pendurado no meio dos ramos de acácias. Rose não vai lá já tem muito tempo.

Relatos das(dos) participantes

“O trabalho do tradutor é caminhar por trechos tortuosos e perenes. Mas aprendemos muito nessa travessia. Foi nessa oficina que pude entender que todo tradutor também é um teórico. Ecoando os ensinamentos de Anthony Pym – sempre que optamos por uma solução tradutória em detrimento de outra, estamos teorizando. Passar seis meses ao lado de Kafka, Herta Müller, Bertolt Brecht, Ilse Aichinger e demais autores da oficina foi uma experiência engrandecedora.”

Barbara Vieira de Oliveira

“A oficina de tradução de prosa breve de língua alemã foi uma experiência enriquecedora, das melhores que tive durante a graduação. Foi uma oportunidade não só de aprofundar a prática de tradução, mas também os conhecimentos de língua, literatura e história dos países de língua alemã. O conto 'Wo ich wohne', de Ilse Aichinger, é um texto que carrego comigo desde o dia em que nos foi apresentado e agora sou grato pelo privilégio de poder emprestar a ele um pouco de mim.”

Miguel do Vale Martins

“Com a oficina tivemos a oportunidade de nos dedicar diretamente à prática de tradução. Foi possível ver as opções tradutórias dos colegas e compará-las com as nossas e ao mesmo tempo ter o parecer do docente sobre as adequações ou inadequações das mesmas, observando-se não

só as características peculiares do autor, da obra e dos idiomas, mas também do público-alvo da tradução.”

Isabel Cristina Costa

“Além de promover um maior contato com a língua alemã, a disciplina foi primordial para o desenvolvimento de novas habilidades tradutórias, tendo em vista as particularidades da tradução literária e dos diferentes gêneros de literatura de expressão alemã abordados. Ao longo do curso, compartilhamos várias ideias e experiências enriquecedoras.”

Marissa Daniela Vaz de Oliveira

“Despontei ainda inseguro na oficina de tradução, eu trazia uma pequena bagagem de reflexões teóricas anteriores, conhecia um pouco de Haroldo de Campos, Henri Meschonnic, Antoine Berman e Walter Benjamin. A prática representou um esforço dobrado, mas gratificante de discutir soluções coletivamente, refinar o conhecimento da língua alemã e de seus autores, sob a supervisão de um professor também com boa experiência em tradução literária. Agora penso que um tradutor é forjado a várias mãos.”

Guilherme Oliveira Mello

Sobre os tradutores e o organizador

Barbara Vieira de Oliveira

Cursa Bacharelado em Letras, habilitação dupla em Tradução Alemão-Português, na UFMG. Possui Bacharelado em Comunicação Social e Mestrado em Comunicação Social: Interações Midiáticas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Deve concluir em breve sua monografia sobre tradução literária e já faz planos para um futuro doutorado também na área de Letras.

Guilherme de Oliveira Mello

Natural de Pindamonhangaba/SP, veio a Belo Horizonte em 2016 para estudar Letras na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde dedicou sua trajetória ao estudo de literatura dramática, língua alemã e sua literatura moderna, tradução literária e dramaturgica. Concluiu recentemente seu bacharelado apresentando monografia com uma tradução comentada da Cena 3 da peça *Draußen vor der Tür*, de Wolfgang Borchert, sob orientação do professor Marcelo Rondinelli.

Isabel Cristina Costa

É bacharel em inglês/tradução pela FALE/UFMG e recentemente concluiu também seu bacharelado em Alemão/Tradução, orientada, em sua monografia, pelo professor Marcelo Rondinelli. Formada antes em Ciências Contábeis, atua profissionalmente como auditora fiscal. Sonha voltar-se para a tradução e transformar seu hobby de adolescente em profissão.

Marissa Daniela Vaz de Oliveira

Estuda Letras Português/Alemão com ênfase em Tradução na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalhou durante três anos como redatora de Marketing e atualmente se dedica à Tradução Audiovisual para legendagem e dublagem. Encontra-se na fase final de sua monografia, com a tradução comentada de um conto da autora de expressão alemã Herta Müller, nascida na Romênia em 1953 e Nobel de Literatura em 2009.

Miguel do Vale Martins

Natural de Pindamonhangaba/SP, adotou Belo Horizonte das Minas Gerais como sua terra natal. É estudante de graduação na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Encontrou nas revistas em quadrinhos da infância sua paixão pela leitura, e desde então anda sempre acompanhado de seus livros. Atualmente desenvolve seu trabalho de conclusão de curso sobre a tradução de um conto da autora austríaca Ilse Aichinger.

O organizador

Marcelo Rondinelli é professor adjunto da Área de Alemão da Faculdade de Letras da UFMG desde 2016. Graduiu-se em Alemão/Português na Universidade de São Paulo, onde também concluiu especialização em tradução de longa duração no mesmo par de idiomas. Atuou no mercado editorial até qualificar-se como professor de alemão do Instituto Goethe, após formação em São Paulo, Munique e Berlim. Paralelamente à atuação como professor de língua alemã, dedicou-se à tradução especializada e literária durante toda a primeira década do século. Traduziu obras de Friedrich Dürrenmatt, Elfriede Jelinek, Heinrich von Kleist, entre outros. Esteve entre os oito finalistas do Prêmio União Latina – Tradução Especializada – 2010 e foi bolsista da oficina de tradutores literários alemão-português-alemão no Looren Übersetzerhaus, em Wernetshausen/Zürich, Suíça, em 2015, ano em que também concluiu seu doutorado em Estudos da Tradução na UFSC. Atualmente orienta pesquisas no Pós-Lit, Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da FALE, em duas áreas de concentração, na linha de pesquisa Poéticas da Tradução. É orientador do trabalho de conclusão de curso de todos os estudantes

da oficina de tradução que ensinou o presente volume. Também supervisiona os cursos de alemão do centro de extensão da mesma faculdade, o CENEX/FALE.

Publicações Viva Voz

Editoras mineiras: o lugar da tradução

Karina Mitalle (Org.)

Sônia Queiroz (Org.)

Oficina de tradução do francês: traduzindo artigos sobre tradução

Maria Lucia Jacob (Org.)

Glossário de termos de edição e tradução

Sônia Queiroz (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em versão eletrônica no *site*: labeled-letras-ufmg.com.br

O32

Oficina de tradução do alemão : Kurzprosa/prosa breve /
Organizador: Marcelo Rondinelli. – Belo Horizonte : Faculdade
de Letras da UFMG, 2021. (Viva Voz)
66 p.

ISBN: 978-65-87237-44-2 (digital)

ISBN: 978-65-87237-45-9 (impresso)

1. Tradução e interpretação 2. Contos alemães – Traduções para
o português. I. Rondinelli, Marcelo. II. Universidade Federal de Minas
Gerais. Faculdade de Letras. III. Título. IV. Série.

CDD : 830.9



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de edição.

A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel reciclado 90 g/m² (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.